



O ETHOS DISCURSIVO DE JESUS CRISTO EM PARÁBOLAS DO NOVO TESTAMENTO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

THE ETHOS DISCUSSION OF JESUS CHRIST IN PARABOLLES OF THE NEW TESTAMENT IN THE PERSPECTIVE OF ANALYSIS OF FRENCH SPEECH

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva¹

RESUMO: Este artigo é resultado de atividades práticas na disciplina de Análise de Discurso no decorrer das aulas no curso de Letras da Fafidam / UECE. Ao longo desta disciplina, procuramos analisar a *construção do ethos de Jesus Cristo nos Evangelhos do Novo Testamento*, sob a égide da AD francesa, visando a examinar discursivamente os evangelhos canônicos a fim de construir a materialidade da imagem de Cristo pelos evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João. Entende-se, *a priori*, que os evangelhos são de fundamental importância como fonte de conhecimento sobre o nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo (HÖRSTER, 1996). Nesta pesquisa, adotamos a perspectiva teórica da análise do discurso e da semiótica, levando em conta o contexto da construção do ethos discursivo de Jesus Cristo nos relatos dos evangelistas, baseado em parâmetros teológicos e discursivos, percebendo quais os aspectos analisados e as hipóteses que apresentamos puderam contribuir para a escolha da pesquisa qualitativa, uma vez que o foco desta tipologia de pesquisa nos oferece um *corpus* obtido por meio do contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo na perspectiva da revisão da literatura. Por último, entendemos que a análise discursiva e teológica adotada culminou no entendimento de que as parábolas de Jesus são breves narrativas, margeadas de um conteúdo alegórico, usadas na pregação e nos sermões de Jesus com o propósito de transmitir seus ensinamentos aos gentios, e para todos que têm contato com os textos sagrados.

Palavras-chave: Ethos Discursivo; Jesus Cristo; Evangelhos Canônicos; Análise de Discurso.

ABSTRACT: This article is the result of practical activities in the discipline of Discourse Analysis during the course of the course of Fafidam / UECE. Throughout this discipline, we seek to analyze the construction of the ethos of Jesus Christ in the Gospels of the New Testament under the aegis of the French AD in order to examine discursively the canonical gospels in order to construct the materiality of the image of Christ by the evangelists: Matthew, Luke and John. It is understood, *a priori*, that the gospels are of fundamental importance as a source of knowledge about the birth, ministry, death and resurrection of Jesus Christ (HÖRSTER, 1996). In this research, we adopt the theoretical

¹ Mestrando no Programa Interdisciplinar em História e Letras, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Aluno da Graduação da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB (UAB/CAPES). E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br



perspective of the analysis of discourse and semiotics, taking into account the context of the construction of the discursive ethos of Jesus Christ in the reports of the evangelists, based on theological and discursive parameters, perceiving which aspects analyzed and the hypotheses we present could contribute to the choice of qualitative research, since the focus of this research typology offers us a corpus obtained through the direct and interactive contact of the researcher with the object of study in the perspective of literature review. Finally, we understand that the discursive and theological analysis adopted culminated in the understanding that the parables of Jesus are brief narratives, fringed with an allegorical content, used in the preaching and sermons of Jesus for the purpose of transmitting his teachings to the Gentiles, and all who have contact with the sacred texts.

Keywords: Ethos Discursive; Jesus Christ; Canonical Gospels; Discourse Analysis.

INTRODUÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

Neste artigo nos propomos a dialogar com as teorias da Análise Discurso de linha francesa (AD) na busca de compreender a língua no bojo de sua materialidade em parábolas enunciadas pelos evangelistas no Novo Testamento (doravante NT), bem como a esclarecer as relações linguísticas e sociais presentes no âmbito da formação discursiva e da constituição do sujeito em meio a diversas ideologias, valores e crenças vinculados aos vários grupos sociais na contemporaneidade.

Além do mais, é necessário descrever que na ótica da Análise de Discurso de linha francesa a língua é ponderada em sua materialidade, em outras palavras, como “um espaço de manifestações das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos de natureza ideológica” (ORLANDI, 2001, p. 17).

Em relação à formação discursiva e à composição do sujeito em conjunturas sociais de ideologias e relações de poder simbólico, demonstramos neste instante, que um indivíduo se decompõe em múltiplos sujeitos, e é “este sujeito que fala” – fala de um lugar instituído, ou seja, determinado (FOUCAULT, 2002, p. 58-59).

Juntado a esta discussão epistemológica surge a perspectiva de Louis Althusser, em que qualquer indivíduo só se constitui sujeito no momento em que é atravessado por uma ideologia, e é cerne desta conceituação que se pode chegar, então, a qualquer tipo de discursos, abrangendo também os relacionados às religiões (ALTHUSSER, 1996).

A Análise do Discurso apareceu na França, na década de 1960, como alternativa para preencher as carências das análises de conteúdo estudadas até então nas ciências linguísticas e humanísticas. Conforme Brandão (1998, p. 19), a análise de conteúdo



apreendia o texto na sua cristalinidade, "apenas enquanto projeção de uma realidade extradiscursiva", sem se observar às articulações linguísticas e textuais.

Por outro lado, a Análise de Discurso incluiu sua procedência na inquietação em se fazer uma análise textual que se submerja ao texto avaliado na sua opacidade, ou seja, a interpretação do texto necessitaria levar em apreço também o caráter de funcionamento linguístico e textual do discurso e das diversas modalidades de exercício da língua no contexto histórico-social de sua produção o que profere diferentes papéis ou posições subjetivas que podem ser localizadas num mesmo espaço de produção, expostas as práticas sociais demandadas pelos sujeitos em sociedade.

Maingueneau (1997) acrescenta que a Análise de Discurso assentou-se como uma teoria da leitura, e no campo do exercício de leitura descobriu espaço conveniente para se desenvolver. Prosperando mais adiante, acomodou uma preparação para o estudo do discurso em padrões diferentes dos indicados pela Filologia. Além do mais, a fase primeira da Análise de Discurso se deve aos estudos que Pêcheux (1997, p. 34) que perpetrou dos ensinamentos de Althusser e Marx, uma aprofundada leitura, centrada na tradição epistemológica francesa, trazendo parte da conjectura da distinção entre ideologia e ciência.

A propósito, foi a partir do estudo de Pêcheux (1969) que o discurso incidiu a ser arquitetado como um *locus* teórico para onde concentravam todas as investigações sobre a língua, partindo da consideração de Saussure como ponto de procedência da ciência linguística, com o destroncamento que advém quando se estabelece a dicotomia língua-fala. Ele entende a língua como um sistema e lhe impõe o posto de objeto indicado como tal dos estudos linguísticos, afastando deste argumento a fala. Ou seja, a língua é vista como: "sistêmica, abstrata e objetiva, se opõe à fala, concreta, variável e subjetiva" (BRANDÃO, 1998, p. 22).

Em suma, o conceito fundamental da Análise de Discurso é revelar a inconsistência principal dos textos, como assegura Maingueneau (1997) *apud* (BRANDÃO, 1998, p. 22) "estudar os processos de formação ideológica no discurso é trabalhar com um contexto de desmistificação, prelúdio para a transformação da sociedade".

A noção de *ethos discursivo*



Segundo Aurélio (2012) o conceito subjacente à noção de *ethos discursivo* advém dos primeiros estudos acerca da palavra, em que os filósofos procuravam conferir significação às manifestações linguísticas. Dessa forma, Aurélio (2012, p. 4) acentua que

Aristóteles (século I a. C.) começa a tratar sobre o *ethos*, trazendo à tona a figura do orador, no que diz respeito ao seu poder de convencimento. Para ele a eficácia do discurso não consiste apenas na manifestação das propriedades linguísticas, mas também na imagem que o orador deixa entrever de si no processo enunciativo.

Isto significa que na visão aristotélica existem três espécies de provas utilizadas pelo orador no sentido de persuadir seu auditório, a saber: o caráter do orador (chamado de *ethos*); as paixões despertadas nos ouvintes (o *páthos*), e o próprio discurso (o *lógos*). Estudos recentes de Charaudeau (2006, 2008); Maingueneau (2006) apontam que o *ethos* pode ser analisado como resultante de um desígnio explícito ou implícito do orador de fazer o outro a lhe conferir sua confiança por apreciar esse sujeito enunciador probo de confiabilidade pelo modo como se oferece a conhecer. Maingueneau (2006, p.56) explica que

[a] questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade. Cada tomada da palavra implica ao mesmo tempo levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro, e a estratégia de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele uma certa identidade.

Este pesquisador ainda diz que o *ethos* pode ser entendido como algo relativamente acentuado, evidente, particular e também, coletivo, compartilhado, implícito e palpável. De modo que sua preocupação se materializa na relação discursiva instituída entre o enunciador e seus interlocutores. O *ethos* ainda é compreendido como algo mais ou menos determinado, convencional e arrojado.

A formação discursiva e a constituição do sujeito

É preciso apreender que o sujeito só pode articular quando, ao assumir posições individualizadas, desloca-se e descentra-se. Marcado pela sua dispersão, o sujeito fala por meio do que Foucault designa de formação discursiva, ambiente que produz “o que pode e deve ser dito”, lugar este, que é historicamente determinado (FOUCAULT, 2002, p. 58-59).



Althusser (1996, p.96) invoca que toda “a ideologia interpela os indivíduos concretos, através do funcionamento da categoria de sujeito”. Em outras palavras, os sujeitos se tornam sujeitos na proporção que são compelidos a se posicionar deste ou daquele modo, tendo que indicar as palavras e usando a tonalidade adequada diante da sua posição, tomando um lugar situado, o lugar de onde fala.

Em Análise de Discurso, o sujeito é percebido como implicação discursiva, não causa e procedência do discurso. O sujeito se estabelece no ato enunciativo e também constitui o outro, o sujeito alocutário. Esse conhecimento de sujeito que se distende e adquire múltiplos papéis o que remete a noção de heterogeneidade constitutiva ou polifonia, ou seja, as outras vozes que se despontam no discurso, originárias das práticas discursiva e sociais em sociedade.

Essa heterogeneidade é caracterizada na teoria de Bakhtin (1997a, 1997b, 2003a) em que se localiza o conceito de *dialogismo* – todos os discursos que conformam uma determinada comunidade, cultura, sociedade dialogam entre si, com os discursos que os precederam, com os contemporâneos e com discursos futuros, posto que o “Outro” para o qual se propõe o discurso está sempre presente no seu processo de elaboração; operando e sendo obrigatoriamente influenciado em sua *forma e sentidos*.

A subjetividade no discurso religioso cristão

Na análise de que o discurso religioso cristão tem, historicamente, um controle marcante nas contingentes culturas humanas, são assentados em atos de fala e certas fronteiras religiosas que devem ser analisados. Objetivamente, uma religião, qualquer que seja, é um contíguo de crenças, leis e ritos que tendem a pôr o homem em contato com um poder máximo, que ele avalia como supremo, do qual se ajuíza condicionado e do qual ainda acredita poder obter retornos.

Como mecanismo de conhecimento que parte da singularidade para a multiplicidade dos acontecimentos, o que é manifesto no discurso religioso cristão é a “Palavra”, qualificada pelo livro da “Escritura Sagrada”. O discurso religioso cristão é o elemento alcançado em sua singularidade. No discurso religioso elabora-se uma linguagem com vista à aspirada “objetividade” e “imparcialidade”; busca-se extinguir a subjetividade na enunciação, trazendo um efeito de significado que leve à veracidade. Faz parte de sua tática discursiva o “fazer crer”, que se ampara através do uso da linguagem,



a qual adota configurações padronizadas e bastante difundidas, achadas prontamente nos manuais deste tipo de instituição.

A religião, como tudo que cinge este mundo, está longe do mundo que aspira representar e moldar. É viciosa, complicada e incompleta, como ele. Em seu cerne agitam-se sujeitos completos de vontades, pensamentos, ideias e interesses a proteger. Mesmo quando tais interesses semelham ser dignas ou ainda de força universal, mesmo nestes casos, os religiosos são sujeitos que resistem a fim de conformar critério ético e religião com palavras, as quais “julgam” ser acentuadas e constituídas do ponto de vista mais apropriada.

Todavia, pensar em “nome de Deus” é oferecer margem para a subjetividade, ou seja, é aterrorizante falar em subjetividade, ainda mais quando se fala em um “Ser Onipotente” e de vida imaterial. A Análise de Discurso, apesar disso, acende uma discussão e aclara este desleal dilema e de acordo com a teoria oferece um retorno a esta questão, a da subjetividade.

A força da crença no Senhor e a fé sobrenatural

Embasado no discurso gramsciano, no desígnio dos dualismos, especialidade da religião, é descoberta a sua grande contribuição, como o entendimento depositado entre homem e Natureza. Concepção esta, analisada negativa pelo autor, porque ambos são constituintes através de dois mundos desiguais. Na natureza, a realidade é objetivada na materialidade (mundo exterior) apreendida, enquanto na relação homem/ Deus, o homem é considerado como espírito, ser que não depende da materialidade (ORLANDI, 1996).

Esse dualismo entre homem/ natureza, espírito /matéria permite uma articulação entre os planos espiritual e temporal, em que o sujeito de fé necessita ter como categoria: qualidades do espírito para que a relação com o Sujeito tenha sua legitimidade.

O quadro a seguir concebe um aspecto aproximado desse dualismo:

PLANO HUMANO	PLANO DIVINO	PLANO TEMPORAL	PLANO ESPIRITUAL
Homem/natureza	Homem/Cristo	Homem/matéria	Homem/Espírito



--	--	--	--

FONTE: Elaborado pelo autor, 2018.

O quadro acima dualista assinala para a articulação existente entre Cristo/homem, por meio da noção de espírito, contudo para que se entenda esta passagem é lacônico ter um conhecimento sobre a ação da fé. A fé é uma das qualidades que o espírito carece ter para obter e conseguir ter a salvação, caminho que pode ser modificado em virtude de atos considerados pela liturgia pecaminosos.

Por fim, no discurso religioso, a compreensão hermenêutica é intensamente controlada e por isto tende à monossêmia. No discurso religioso cristão, a interpretação é competente a igreja que professa seu livro-bússola, a Bíblia. A assimetria, além de brotar na palavra e na interpretação, aparece também no que se menciona aos dois tipos de planos, no temporal e no espiritual (ORLANDI, 1996).

A parábola² como gênero discursivo captador: a construção do discurso cristão

Tudo isto disse Jesus por parábola à multidão, e nada lhe falava sem parábola, **para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta que disse:** Abrirei em parábola a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo (Mt.13: 34, 35).

Para Maingueneau (2001) *apud* Gonçalves (2006), a captação discursiva acontece quando um texto imita um outro texto ou um gênero discursivo imita um outro gênero, tomando a mesma direção do objeto captado. Além disso, é revelador, para o gênero que pretendemos analisar neste artigo, como o autor exemplifica o fenômeno da captação logo após conceituar o termo: “a captação consiste em transferir para o discurso reinvestidor a autoridade relacionada ao texto ou ao gênero fonte: o pregador cristão que imita uma parábola evangélica ou o gênero parábola [...]”.

Para Althusser (1996) a composição formal de qualquer ideologia é semelhante. O autor congrega que no discurso religioso católico, por exemplo, o que se diz por meio

² A definição de parábola é "narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior ou moral". De suas características, surge uma força que leva o ouvinte a refletir sua conclusão.



de teólogos, em suas preleções, seus métodos, seus rituais e seus sacramentos. Como exemplo da ideologia cristã aqui está uma fração de um discurso, católico:

Dirijo-me a ti, indivíduo humano chamado Pedro (todo indivíduo é chamado por seu nome, no sentido passivo, não é nunca ele que se dá um nome) para dizer que Deus existe e que tu deves lhe prestar contas. Ela acrescenta: É deus quem se dirige a ti pela minha voz ... Eis o que tu deves fazer! Se, o fizeres, observando o “mandamento do amor”, tu serás salvo, tu Pedro, e farás parte do Glorioso Corpo de Cristo! Etc (1996, p. 99).

Na teoria de Althusser o termo central e decisivo é o de sujeito, que, somado ao de ideologia, serve de alicerce para sua tese: só existe uma prática através de e sob uma ideologia e só existe ideologia através de sujeitos para sujeitos. Na observação do fragmento acima se constata que todo procedimento de ordem religiosa cristã produz sujeitos cristãos. Porém, para que tais sujeitos existam, é preciso estar sob a condição da existência de um Outro Sujeito, que deve ser Único e Absoluto, ou seja, Deus.

Para o autor, Deus se define a si mesmo e por isso é Único e Absoluto, aquele que é por si e para si e os demais sujeitos – diferenciados pela letra maiúscula dos demais – indivíduos comuns que a ele são submetidos. Essa submissão causa um efeito de reconhecimento, em que os sujeitos se reconhecem como sujeitos que pertencem a Deus, são seus interlocutores-interpelados. Então Deus precisa dos homens para tornar-se Sujeito e os homens precisam de Deus para tornarem-se sujeitos.

A parábola como metadiscurso parafrástico

Gonçalves (2006) discute que o fenômeno da paráfrase é visto, em geral, como um recurso semântico em que uma unidade é transformada em outra com um sentido equivalente. Segundo esta visão, haveria uma relação binária entre o enunciado matriz e o enunciado parafrástico.

Serrani (1997) se insurge contra essa forma de encarar a paráfrase e argumenta, ancorada em Fuchs, que a paráfrase não pode ser estudada como uma mera relação semântica de sinonímia-identidade ou de sinonímia-equivalência ou mesmo de não-sinonímia, em que se consideram essas relações estáveis e universais no bojo de uma determinada comunidade linguística, passíveis de se estabelecer *a priori* e desvinculados da problemática do sujeito da linguagem, como fizeram os estudos da tradição linguística.



Há um desdobramento do Sujeito em sujeitos e de sujeitos em Sujeito. Com isso Althusser (1996) procura mostrar como a estrutura de toda ideologia é especular e duplamente especular: submete os sujeitos ao Sujeito e proporciona no Sujeito garantia de que é efetivamente deles e Dele se trata.

Em resumo, para Althusser (1996) essa ideologia duplicada da estrutura cristã assegura:

- a) a interpelação dos indivíduos como sujeitos;
- b) sua submissão ao Sujeito;
- c) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, entre os próprios sujeitos e, finalmente, o reconhecimento de cada sujeito por si mesmo;
- d) a garantia absoluta de que tudo está bem assim, e sob condição de que se os sujeitos se reconhecerem e se conduzirem de acordo, tudo correrá bem: “assim seja”.

Tais reflexões em Althusser evidenciam a ambiguidade proveniente da palavra “sujeito” e a verdadeira acepção desse termo que “deveria” ser: um indivíduo livre e responsável pelos seus atos; um ser submetido a uma autoridade superior, e conseqüentemente sem liberdade, a não ser a de aceitar sua própria submissão. A ambiguidade do termo conduz a outro sentido da palavra: coerção, repressão, exploração. A Religião tem um domínio privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia – entre outras coisas, o poder atribuído à “Palavra” (ORLANDI, 1996, p. 242).

Os enquadres metodológicos adotados

Expomos nesta seção a perspectiva metodológica definida para esta pesquisa, sendo assim, os objetivos traçados para esse estudo no *contexto de construção do ethos discursivo de Jesus Cristo nos relatos dos evangelistas*, sendo esses parâmetros teológicos e discursivos são cruciais para que os aspectos analisados e as nossas hipóteses pudessem contribuir para a escolha da pesquisa qualitativa³, uma vez que o foco desta tipologia de pesquisa nos oferece uma obtenção de *corpus* mediante contato direto e

³ Segundo Lakatos & Marconi (2007), na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e objeto de estudo em questão necessitando um trabalho mais intensivo de campo. Neste caso, as questões são estudadas no ambiente em que eles se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada.



interativo do pesquisador com o objeto de estudo numa perspectiva da revisão de literatura.

Quanto ao *corpus* da pesquisa, salienta-se que as parábolas selecionadas para análise foram extraídas dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, sendo utilizada como fonte a *Bíblia de estudo plenitude* (1993), tradução de João Ferreira de Almeida, da Sociedade Bíblica do Brasil. Em relação à escolha dessa bíblia, duas considerações devem ser feitas.

Primeiramente, a opção pelo texto em língua portuguesa em detrimento do original grego deve-se ao fato de haver muitas discussões sobre o que vem a ser o texto-fonte do Novo Testamento. Como salienta Lopes (2007, p. 72-74), o que se tem hoje em língua grega é produto de cópias do que realmente fora o “original”, já que existem mais de cinco mil manuscritos gregos do Novo Testamento datados do século II e seguintes, em que fica marcada a presença de inúmeras variantes.

É preciso frisar que o objeto precípua deste trabalho são os discursos de Jesus registrados nos evangelhos canônicos, pretende-se depreender, por meio deles, o *éthos* do ator Jesus. Sabe-se, porém, que o Jesus de cada um dos evangelhos é uma personagem instaurada discursivamente pelos narradores evangelistas.

Fiorin (1996, p. 72) explica que “o discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador”; dessa forma, o *éthos* que se depreende dos discursos do Jesus mateano, marcano, lucano ou joanino é, de certa forma, construído pelo próprio evangelista.

Os evangelhos canônicos e seus elementos constitutivos

Os quatro Evangelhos são, provavelmente, os livros da Bíblia mais lidos e usados. Seu conteúdo é importante, pois nos dá a genealogia, a vida e o ministério de Jesus Cristo. Os evangelhos foram escritos por quatro autores diferentes. Diz-se que todos viveram durante o tempo de Cristo. Pelo menos dois autores tiveram contato com Jesus, foram os discípulos Mateus e João.

Cada autor tem um tema diferente. Mas, ainda que os temas não sejam os mesmos, os Evangelhos falam de um único personagem – Jesus. Os evangelhos não são propriamente biográficos, nem contam a História da vida de Cristo. Ainda que históricos, os Evangelhos não estão completos quanto ao aspecto de relatar a vida inteira de Jesus.



Eles apresentam um “Retrato” do Messias, O Rei de Israel e salvador do mundo; contam os eventos principais de vida de ministério de Jesus.

Nos evangelhos canônicos, rotulam-se de parábola cerca de quarenta e cinco discursos de Jesus. Antes de caracterizar o discurso parabólico, é importante entender os vários sentidos atribuídos ao lexema *parábola*. Observem-se algumas definições. Buckland (2001, p. 324) define-a como uma

[...] narrativa, imaginada ou verdadeira, que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade. Difere do provérbio neste ponto: não é a sua apresentação tão concentrada como a dele, contém mais pormenores, exigindo menor esforço mental para ser compreendida. E difere da alegoria, porque esta personifica os atributos e as próprias qualidades, ao passo que a parábola nos faz ver as pessoas na sua maneira de proceder e de viver. E também difere da fábula, visto que a parábola se limita ao que é humano e possível.

Os três conceitos, extraídos de dicionários – respectivamente lexicográfico, literário e bíblico – relacionam a parábola a uma história com narrativa desenvolvida. Nos evangelhos, entretanto, a palavra *parábola*, do grego *parabolé*⁴, corresponde, na língua materna de Jesus, ao termo aramaico *mathla*, designativo de todo tipo de linguagem figurada: parábola, comparação, símile, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, dito enigmático, pseudônimo, símbolo, figura de ficção, exemplo, motivo, argumentação, apologia, objeção (POSTAL, 2010, p. 206).

O Evangelho⁵ de Matheus

a) Contexto de produção discursiva

O Evangelho de Mateus como um dos diversos movimentos judaicos do período pós-destruição do templo em 70 d.C. Consideramos a comunidade mateana como um grupo de judeu-cristãos que faziam parte de um mundo desejoso de identidade e configuração religiosa em virtude da destruição do templo de Jerusalém. No Evangelho de Mateus existem textos que retratam bem as disputas, conflitos e impactos em virtude da lacuna de modelo religioso existente após a destruição do Templo em 70 d.C.⁶

⁴ A palavra grega *parabolé* significa justaposição de duas coisas, ou seja, um mundo real projetado num mundo imaginário.

⁵ Os evangelhos relatam 44 parábolas apresentadas por Jesus. Lucas mostra 31, Mateus 22, Marcos 6 e João apenas 2.

⁶ SIKER, Judy Yates. **Between text & sermon. Matthew 26, 47-56.** In: Interpretation. 58.4. (2004). p. 386-389.

**b) Linguagem**

Em Matheus a linguagem adotada visa mapear economicamente a realidade das pessoas. No quesito alimentação, além dessa própria palavra temos: comer, beber, sede, saciar, pão, peixe. Essas palavras muitas vezes relacionadas à falta dessa alimentação. Outras são às relacionadas aos bens financeiros como: bens, dinheiro, ouro, tesouros, recompensa etc.

Muitas das vezes essas palavras aparecem ligadas ao combate contra acúmulo desses itens. Temos ainda o problema das dívidas, dos impostos, dos tributos que também se conectam ao tema em questão. E merece destaque também a classificação das pessoas a partir das realidades econômicas em pobres, ricos, ladrões...

c) Forma

Parábolas (discursos de prosperidade), adjetivos valorativos (faz com que as pessoas se maravilhem com os feitos de Jesus) e substantivos abstratos, numeral e elementos semânticos ligados ao campo econômico-financeiro.

d) Função

Matheus constrói a imagem discursiva de Jesus como sendo capaz de multiplicar e oferecer bênçãos sem medida aos desvalidos de espírito e da sociedade.

e) Sentido

Fazer as pessoas crerem que Cristo é o enviado de Deus para salvar e transformar a condição miserável, difícil e cheia de carências dos gentios para uma vida abundante e prospera. Este é o único Evangelho no qual aparece a palavra “igreja” (16:18, 18:17). Ambas as passagens foram ditas por Jesus, mostrando que ele tinha uma clara ideia da Igreja como sendo uma instituição por vir⁷.

f) Tipologia de Ethos

Jesus Messiânico (que prega para multidões cegas no pecado e famintas de justiça, levando para elas as boas novas, ou seja, a nova doutrina).

O Evangelho de Marcos**a) Contexto de produção discursiva**

A tradição antiga, que remonta ao séc. II, atribui o texto deste Evangelho a Marcos, identificado com João Marcos, filho de Maria, em cuja casa os cristãos se reuniam para orar (Act 12,12). Com Barnabé, seu primo, Marcos acompanha Paulo

⁷ Igreja de Cristo. **O Novo Testamento**. Aula V - O Evangelho de Mateus.



durante algum tempo na primeira viagem missionária (Act 13,5.13; 15,37.39) e depois aparece com ele, prisioneiro em Roma (Cl 4,10). Mas liga-se mais a Pedro, que o trata por «meu filho» na saudação final da sua Primeira Carta (1 Pe 5,13). Marcos terá escrito o Evangelho pouco antes da destruição de Jerusalém, que aconteceu no ano 70 dC.

b) Linguagem

Em Marcos tem-se um Evangelho⁸ com vocabulário e uma sintaxe menos cuidada, Marcos é parco em discursos; apresenta apenas dois: o capítulo das parábolas (cap. 4) e o discurso escatológico (cap. 13). Embora isso, este Evangelho é rico em latinismos. Esta evidência confirma e em muito a tradição de que Marcos escreveu seu Evangelho em Roma, e para os cristãos romanos. Encontramos um número expressivo de latinismos, palavras como *centurio* (15:39), *quadrans* (12:42), *flagellare* (15:15), *speculator* (6:27), *census* (12:14), *sextarius* (7:4), *praetorium* (15:15), *legion* (5:9).

c) Forma

Sermões, elementos simbólicos ou o modo de organização interna dessas imagens simbólicas; frases gráficas e surpreendentes ocorrem com frequência para permitir que o leitor reproduza mentalmente a cena descrita; uso frequente do imperfeito por Mc, denotando ação contínua, também torna a narrativa rápida.

d) Função

Marcos constrói a imagem discursiva de Jesus como sendo um homem ou ser divino caridoso, piedoso e apologético (próximo dos gentios) que tem a missão de pregar seu ministério aos povos mais humildes.

e) Sentido

Evangelizar (ensinar, pregar, expulsar demônios) nas palavras/ações enunciadas junto às multidões de gentios, sendo que as narrativas desse evangelista fazem apologia a cruz de Cristo, escrito com fins evangelísticos para pessoas que tinham receio de crer na vergonha da cruz, num mundo onde a fraqueza era desprezada, e o poder estimado.⁹

f) Tipologia de Ethos

Jesus Ativista (combatente nas suas ações de pregação). Marcos apresenta Jesus como o Redentor. Jesus numa de suas declarações afirma que ele veio para “dar a sua vida em resgate por muitos” (10:45). Marcos descreve um Cristo que haveria de sofrer, e

⁸ Usamos aqui o termo em maiúscula *Evangelho* para designar livro e em minúsculo para significar mensagem da palavra.

⁹ Robert H. Gundry, *Mark - A commentary on His Apology for the Cross* (Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans, 1992) pp. 1022-1026.



dedica uma grande porção de sua narrativa para expor a Paixão de Cristo, mais do que os outros Evangelhos.¹⁰

O Evangelho de Lucas

a) Contexto de produção discursiva

Eruditos que admitem que Lucas usou o Evangelho de Marcos como fonte para escrever seu próprio relato datam Lc por volta do ano 70 dC. Outros, entretanto, salientam que Lucas o escreveu antes de At, que ele escreveu durante o primeiro encarceramento de Paulo pelos romanos, cerca de 63 dC.

Como Lucas estava em Cesaréia de Filipe durante os dois anos em que Paulo ficou preso lá (At 27.1), ele teria uma grande oportunidade durante aquele tempo para conduzir investigações que ele menciona em 1.1-4. Se for este o caso, então o Evangelho de Lc. pode ser datado por volta de 59-60 dC, mas no máximo até 75 dC.

b) Linguagem

Uma característica distinta do Evangelho de Lc é sua ênfase na universalidade da mensagem cristã. Do cântico de Simeão, louvando Jesus como “luz... Para as nações” (2.32) ao comissionamento do Senhor ressuscitado para que se “pregasse em todas as nações” (24.47), Lc realça o fato de que Jesus não é apenas o Libertador dos judeus, mas também o Salvador de todo o mundo.

De todos os escritores dos Evangelhos só ele registra a circuncisão e dedicação de Jesus (2.21-24), bem como sua visita ao Templo quando menino (2.41-52). Somente ele relata o nascimento e a infância de Jesus no contexto de judeus piedosos como Simeão, Ana, Zacarias e Isabel, que estavam entre os fiéis restantes “esperando a consolação de Israel” (2.25). Por todo o Evangelho, Lc deixa claro que Jesus é o cumprimento das esperanças do AT relacionadas à salvação.

c) Forma

Parábolas (discursos de universalidade de pregação tanto para judeus, gregos e romanos), adjetivos valorativos (faz com que as pessoas se maravilhem com os feitos de Jesus) e substantivos abstratos, elementos semânticos ligados ao campo fisiológico e mental.

d) Função

¹⁰ Donald Guthrie, *New Testament Introduction*, p. 57



Lucas pelo fato de ser médico evangelista constrói a imagem de Jesus como sendo capaz de curar as enfermidades tanto do corpo como da alma pela Palavra de Fé.

e) Sentido

Fazer as pessoas usarem a fé e serem curadas de suas doenças do corpo e da alma e serem salvas pelo poder do evangelho de Cristo que é o enviado de Deus para salvar e transformar a condição de vida das pessoas e ajudar os perdidos.

f) Tipologia de Ethos

Jesus Curador ou que efetua grandes milagres pela fé e Salvador dos doentes (que cura os enfermos, faz cego ver, coxo andar e surdo ouvir), porque segundo Jesus os sãos não precisam de médico e sim os doentes (Jesus é o amigo dos proscritos humildes. Ele é constantemente bondoso para com os rejeitados).

O Evangelho de João

a) Contexto de produção discursiva

A antiga tradição da igreja atribui o quarto evangelho a João “o discípulo a quem Jesus amava” (13.23; 19.26; 20.2; 21.7,20), que pertencia ao “círculo íntimo” dos seguidores de Jesus (Mt 17.1; Mc 13.3). De acordo com escritores cristãos do séc. I, João mudou-se para Éfeso, provavelmente durante a guerra Judaica de 66-70dC, onde continuou seu ministério.

A mesma tradição que localiza João em Efeso sugere que ele escreveu seu evangelho na última parte do séc. I. Na falta de provas substanciais do contrário, a maioria dos eruditos aceitam esta tradição

b) Linguagem

Algumas das diferenças distintas são: 1) Ao invés das parábolas familiares, João tem discursos extensos; 2) Em lugar dos muitos milagres e cura dos sinóticos, João usa sete milagres cuidadosamente escolhidos a dedo que servem como “sinais”; 3) O ministério de Jesus gira em torno das três festas da Páscoa, ao invés de uma, conforme citado nos Sinóticos; 4) Os ditos “Eu sou” são unicamente joaninos.

c) Forma

Substantivos abstratos e concretos, metáforas (fogo que purifica e água que limpa os pecados, pomba, simbolizando o Espírito Santo) elementos semânticos ligados ao campo profético: pastor, profeta, enviado de Deus.

d) Função



João constrói a imagem discursiva de Jesus como sendo capaz de libertar o povo da ignorância do pecado e da tirania dos poderosos, sendo ele o Filho de Deus em carne, o único capaz de batizar com água e fogo para o arrependimento daqueles que creem Nele, por isso João pede para que todos o sigam, pois, ele é o caminho, a verdade e a vida e ninguém tem a salvação senão por meio Dele.

e) Sentido

Fazer as pessoas crerem que Cristo é o enviado de Deus para salvar e transformar a condição de vida miserável, difícil e cheia de carências para uma vida espiritualmente convertida. João revela também que a função do ES em continuar a obra de Jesus, guiando os crentes a um entendimento dos significados, implicações e imperativos do evangelho e capacitando-os a realizar “obras maiores” do que aquelas realizadas por Jesus (14.12). Aqueles que creem em Cristo hoje podem, assim, enxergá-lo como um contemporâneo, não apenas como uma figura do passado distante.

f) Tipologia de Ethos

Jesus como o Cordeiro de Deus, a verdade verdadeira (videira verdadeira) ou libertador ou profeta (que prega para multidões perdidas como ovelhas sem pastor). Podemos explicar a necessidade dos quatro evangelhos facilmente pelo fato de ter havido, nos tempos apostólicos, quatro classes representativas do povo: Judeus, Romanos, Gregos e a Igreja.

Cada um dos evangelistas escreveu para uma dessas classes, adaptando-se ao seu caráter, às suas necessidades e ideais.

Livro	Povo	Revelação	Figura
Mateus	Judeus	O Filho de Deus	Leão
Marcos	Romanos	O servo	Boi
Lucas	Gregos	Filho do Homem	Rosto de Homem
João	Igreja	O Salvador	Águia



--	--	--	--

FONTE: Elaborado pelo autor, 2018.

Postal (2010, p. 20) coloca que a imagem de Jesus que perpassou os séculos é basicamente extraída da totalidade dos evangelhos canônicos¹¹. Pretendeu-se, assim, nesta pesquisa, analisar como cada evangelista constrói discursivamente a imagem e o *éthos* de Cristo¹². Para esse teórico, semioticamente, diferentes enunciadores constroem textos diferentes, ainda que abordem as mesmas situações. Uma leitura crítica dos quatro evangelhos, por exemplo, pode comprovar isso.

Logo, discursivamente os quatro evangelhos querem anunciar Jesus Cristo aos seus leitores e fazem isso ao contarem os acontecimentos da vida dele. Eles fazem a continuação daquilo que começou no dia de Pentecostes em Jerusalém: anunciam os grandes atos de Deus e evidenciam o que isso significa para a vida dos seus leitores. Mas sempre se trata do evangelho único de Jesus Cristo (HÖRSTER, 1996, p. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de uma conclusão acerca da análise que nos propomos a fazer neste trabalho, nota-se que as parábolas de Jesus são narrativas breves, dotadas de um conteúdo alegórico, utilizadas nas pregações e sermões de Jesus com a finalidade de transmitirem ensinamentos. Primeiro, porque a parábola é entendida aqui como uma narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca outra realidade de ordem superior. Segundo, porque é concebida como uma espécie de alegoria apresentada sob forma de uma narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com o objetivo de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades.

¹¹ O termo *canônico* (do grego *kanon*, cana ou vara usada como padrão de medições) passou a ser empregado pela Igreja para designar os livros reconhecidos como “inspirados por Deus”, tidos, assim, como padrão de fé e de prática. São quatro os evangelhos considerados canônicos pela Igreja cristã: o de *Mateus*, o de *Marcos*, o de *Lucas* e o de *João* (GRENZ; GURETZKI; NORDLING, 2002, p. 22).

¹² O *éthos* de Cristo, ou seja, os traços de seu caráter, será depreendido dos discursos a ele delegados pelos evangelistas. A imagem de Cristo será construída não só pelos discursos delegados a ele, mas também pelos discursos em que os evangelistas falam sobre ele.



Além disso, é interessante sabermos que podemos classificar as parábolas presentes nestes Evangelhos em 3 classes¹³:

Parábolas verídicas: a ilustração é tirada da vida diária, portanto seu ensino pode ser reconhecido de forma universal. Ex.: os meninos que brincam na praça (Mt 11.16-19; Lc 7.31-32); a ovelha separada do rebanho (Mt 18.12-14; Lc 15.4-7); uma moeda perdida numa casa (Lc 15.8-10).

Parábolas em forma de histórias: refere-se a acontecimentos passados que são centralizados diretamente em uma pessoa. Ex.: o mordomo sagaz que endireitou a sua situação depois de ter esbanjado o patrimônio do seu senhor (Lc 16.1-9); o juiz que acabou finalmente administrando justiça com respostas às repetidas súplicas de uma viúva (Lc 18.2-8).

Ilustrações: são histórias que focalizam exemplos a serem imitados. Ex.: a *Parábola do Bom Samaritano* (Lc 10.30-37).

Podemos entender que em cada Evangelho analisado anteriormente, buscamos identificar e categorizar o *ethos discursivo de Jesus Cristo* construído pelos evangelistas Matheus, Marcos, Lucas e João, sendo que constatamos *a posteriori* por meio da forma-função-sentido que a construção desses *ethos* discursivos estão intimamente relacionados as formações discursivas, sociais, históricas, religiosas e ideológicas desses evangelistas, sendo ainda configurados discursivamente pelo léxico em nível pragmático e sociolinguisticamente situação das condições de uso e produção desse discurso que Jesus utilizava-se para ministrar mensagens com facilidade em todos os níveis sociais.

Cada um dos evangelistas o vê sob um aspecto diferente. Mateus apresenta-o como Rei, Marcos, como conquistador e servo, Lucas como o Filho do Homem e João como o Filho de Deus. Esta visão de Cristo é como a visão de um grande edifício – só um lado pode ser visto de cada vez.

Ressaltamos que os quatro evangelhos remetem a pessoa e a obra do Salvador de um formato assinalado, a fim de desenhar a intenção de cada evangelista, de tal modo como se nos propuséssemos a escrever um livro sobre uma personalidade importante, contudo trouxéssemos que representar múltiplos aspectos do seu caráter. Quatro escritores se compeliariam em conseguir material peculiar que os ajudassem a planejar, o mais fiel plausível, o caráter deste personagem, isto é: sua vida familiar, religiosa, profissional e também seu repouso.

¹³According to the Catholic Encyclopedia article on Parables: "There are no parables in St. John's Gospel" and the Encyclopædia Britannica article on Gospel of St. John: "Here Jesus' teaching contains no parables and but three allegories, the Synoptists present it as parabolic through and through."



Em um primeiro instante, isto seria aceito como quatro biografias, apesar de estarmos falando do mesmo homem, posto que em diversas áreas do seu relacionamento. Assim, cada escritor se limitaria a detalhar aquilo que é acentuado para sua parte da biografia, por exemplo: as minúcias da vida doméstica não são relevantes para o escritor que particulariza a vida profissional, portanto como o escritor que detalha seu descanso, conseguir documentos sobre sua vida religiosa.

Em Mateus, Cristo é exposto como Filho de Davi, o Rei dos Judeus, e tudo em sua história são centralizadas nesta verdade. Isto esclarece como o primeiro Evangelho principia narrando a realeza da genealogia de Cristo, e porque no segundo capítulo é referida a vinda dos magos do oriente indagando: Onde está aquele que é nascido rei dos Judeus? (Mateus 2:1), como também nos capítulos 5 até aos 7, temos o Sermão da Montanha, que na veracidade, se discute um manifesto real, enunciando as leis do Seu Reino.

Em Marcos, Cristo é figurado como Servo de Jeová, como um que, sendo em contorno de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, assumindo a figura de servo, fazendo-se análogo aos homens. Tudo neste segundo evangelho coopera para este tema principal e tudo o que não enquadra com este tema é afastado. Isto explana a ensejo de não termos o relato de nenhuma genealogia neste evangelho e porque Cristo já é colocado no começo do seu ministério público (nada nos é dito a respeito de sua vida anterior), e porque há mais milagres (obras de serviço) delineados aqui do que em outro evangelho.

Em Lucas, Cristo é revelado Filho do Homem, estando unido, todavia diferente dos filhos dos homens. Tudo em sua narrativa convém para elucidar isto. Isto esclarece porque o terceiro evangelho traça a Sua genealogia de volta a Adão, o primeiro homem (o oposto de Abraão, como em Mateus), pois como homem primoroso Ele é visto repetidamente em oração, e porque os anjos são ministradores para Ele, ao invés de serem dirigidos por Ele, como observado em Mateus.

Em João, Cristo é declarado como Filho de Deus, e tudo neste quarto evangelho tem a desígnio de esboçar e comprovar este relacionamento divino. Isto elucidada como na abertura do primeiro versículo nós somos instigados de volta a um ponto antes do tempo se principiar, onde Cristo é visto como o Verbo “no Princípio”, com Deus e Ele mesmo sendo expressamente confessado ser Deus.

Finalmente, os escritores não procuraram produzir uma biografia completa de Cristo, mas levando em consideração as necessidades e o caráter do povo para o qual



escreviam, escolheram exatamente aqueles acontecimentos e discursos, que acentuaram a sua mensagem especial.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. (Trad. Ribeiro, V.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

AURÉLIO, R. P. Oferecendo uma imagem de si: A (des) construção do Ethos discursivo da Candidata Dilma Rousseff. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012**. pp. 1-20.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 261-306.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. (Tradução de João Ferreira de Almeida). Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1993.

_____. **BÍBLIA Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995, pp. 1-178.

BUCKLAND, A. R. **Dicionário bíblico universal**. Tradução Joaquim dos Santos Figueiredo. 17.ed. São Paulo: Vida, 2001.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed Campinas: Unicamp, 1994.

_____. **Introdução à análise de discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Linguagem e Discurso: Modos de Organização**. Trad. Angela M.S. Corrêa & Ida Lucia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

DONALD, G. **New Testament Introduction** (Downers Grove, Inter-Versaty Press, 1970).

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.



FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

GONÇALVES, J. B. C. G. **Poder e afeto nas narrativas bíblicas**: uma análise da construção do *ethos* discursivo nas parábolas contadas por Jesus. 350f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

GRENZ, S. J.; GURETZKI, D.; NORDLING, C. F. **Dicionário de teologia**. (Tradução Josué Ribeiro). 3.ed. São Paulo: Vida, 2002.

HÖRSTER, G. **Introdução e Síntese do Novo Testamento**. Editora Evangélica Esperança; Curitiba, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, A. N. **A Bíblia e seus Intérpretes**. Uma Breve História da Interpretação. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Cenas da Enunciação**. 1 ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2007.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. (org). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996.

PÊCHEUX, M. (1969). “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução E. P. Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

POSTAL, J. **Uma imagem caleidoscópica de Jesus**: o ethos de Cristo depreendido dos evangelhos canônicos. 2010. 379f. Tese (Doutorado em Letras). Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

ROBERT, H. G. **Mark**: a commentary on his apology for the cross (Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans, 1992).



SERRANI, S. **A Linguagem na Pesquisa Sociocultural**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997).

Recebido em: 10 abr. 2018

Aceito em: 17 abr. 2018